

OS ÍNDIOS TUKÚNA E O MOVIMENTO DA SANTA CRUZ

Ari Pedro Oro

Desde 1972 se desenvolve entre os índios Tukúna do Alto Solimões, Estado do Amazonas, um movimento de caráter messiânico¹ denominado **Movimento da Santa Cruz**, fundado e liderado por um branco, chamado **Irmão José Francisco da Cruz**.

Pelo que se sabe, o messianismo² Tukúna começa a se manifestar a partir do início deste século em diferentes povoados indígenas. No momento, os Tukúna identificam José Francisco da Cruz com o seu messias esperado. Isto os leva a acreditar na realização próxima de sua salvação.

O presente trabalho é uma tentativa de análise do messianismo Tukúna, especialmente em sua manifestação atual, que é o Movimento da Santa Cruz.

1. Dados sobre os Tukúna

Os índios Tukúna (Tükúna ou Tikúna) se localizam na região do Alto Solimões, na fronteira brasileira com o Peru e a Colômbia. Habitam em aldeias situadas nas margens dos rios Solimões e Içá e dos igarapés Takana, Esperança, São Jerônimo, Nova Itália, Bom Intento e Crajari, situados nos municípios de Benjamin Constant, São Paulo de Olivença e Santo Antônio do Içá, abrangendo uma área territorial aproximada de 75.000km².

Estima-se a população Tukúna atual em doze mil índios, dos quais nove mil vivem nas margens dos rios e os restantes nos igarapés. Esse número pode ser acrescido, se somados mais cerca de dois mil Tukúna que habitam em território peruano e colombiano.

2. Fatores condicionantes do messianismo Tukúna

O messianismo Tukúna precisa ser compreendido dentro da situação de subordinação dos índios à sociedade civilizada³, ocorrida desde o princípio da história do contato.

Segundo Cardoso de Oliveira o encontro dos brancos com os índios Tukúna teve início no século XVII, incrementando-se em princípios do século XVIII, quando Portu-

gueses e Espanhóis, por motivos político-econômicos, passaram a incursionar com certa freqüência na área do Alto Solimões⁴. Ressalve-se que nesta época os Tukúna habitavam nos altos igarapés, pois nas margens do Solimões vivia a tribo dos Omágua (Kambeva). Os dois grupos eram tradicionalmente inimigos⁵. Essas circunstâncias, ao mesmo tempo em que impediam a chegada dos Tukúna às margens do Solimões, deixava-os distantes do alcance das frentes pioneiras de expansão da sociedade ocidental. Foi somente quando os Omágua desapareceram do Solimões — muitos deles exterminados direta ou indiretamente pelos brancos — que os Tukúna passaram a ser definitivamente integrados à sociedade nacional, vindo aos poucos a se estabelecer nas margens do grande rio.

Os primeiros civilizados a manterem relações mais estreitas com os Tukúna foram os caucheiros peruanos, os quais engajaram os índios num sistema de economia capitalista que marcaria o seu destino. Ressalte-se que o contato dos brancos não ocorreu simultaneamente com todos os Tukúna, uma vez que alguns aldeamentos permaneceram isolados até a segunda metade do século passado, quando na região norte do País se verificou a corrida rumo aos seringais, em razão da valorização econômica da borracha. Esta selou a sorte dos Tukúna, pois os seringalistas, ávidos por encontrar a *hevea brasiliensis* passaram a se apropriar das terras dos indígenas e de sua força de trabalho, instituindo relações marcadas pela exploração e opressão direta ou indireta. Os seringalistas inauguraram o que se cognominou de **regime do barracão**, caracterizado pela submissão dos seringueiros (imigrantes nordestinos) e dos índios (não só Tukúna) à vontade dos patrões, sendo o **barracão** — a casa do patrão — o local para onde deveriam encaminhar toda a produção de borracha ou qualquer outro bem de valor econômico extraído da mata, bem como o único lugar onde os trabalhadores deveriam se abastecer das mercadorias de que necessitavam. Tais normas precisavam ser cumpridas à risca, sob pena de sofrerem castigos corporais por parte dos patrões.

No Alto Solimões, especialmente três famílias expropriaram as terras dos Tukúna, tornando-se **proprietários** de vastos seringais⁶. São elas: Mafra, Müller e Ayres de Almeida. A fim de ilustrar o que acima dissemos, passamos a relatar, ainda que rapidamente, as informações referentes às ações opressoras dos patrões da família Ayres de Almeida, que colhemos junto aos Tukúna localizados na antiga **Propriedade Belém**, hoje Belém do Solimões. As colocações refletem o que aconteceu em outros seringais.

Segundo os Tukúna, os patrões da referida propriedade, ao se adonarem das suas terras, apropriaram-se também de sua mão-de-obra, forçando-a a trabalhar no seringal, dando quase sempre somente comida em troca, ou ludibriando-a à custa de bugingangas e aguardente. A propósito, Nimuendaju⁷ registra que encontrou muitos Tukúna praticamente arruinados por causa de sua dependência dos estabelecimentos dos civilizados, sobretudo da destilaria de aguardente⁸. Era também norma dos patrões desta e de outras propriedades que os pescados dos índios deveriam ser depositados no barracão, ou entregues aos **gerentes** do seringal. A produção de farinha de mandioca, peles, manufaturados artesanais e outros produtos silvestres também precisavam ser encaminhados ao barracão, onde os índios recebiam **em troca** mercadorias, muitas delas supérfluas. O transgressor de uma dessas normas sofria duros castigos corporais, sendo os mais comuns a palmatória ou o acorrentamento durante algumas horas e até dias, sem alimento, no porão do barracão. A estratégia dos patrões era criar cada vez mais novas necessidades nos

índios: açúcar, sal, armas, fósforo, roupas, bebidas, perfumes, etc., deixando-os assim numa constante situação de dependência do barracão. Na ocasião, cada índio que trabalhava no seringal possuía uma conta aberta no barracão, onde registrava-se a produção e o recebimento de mercadorias. Em tais transações os índios eram inescrupulosamente explorados. Dessa forma, os Tukúna ficaram sujeitos ao barracão tanto a nível de produção, pela exploração de sua força de trabalho, quanto a nível de consumo, pela utilização de bens, por vezes supérfluos, impostos pelos brancos.

Ainda fazia parte da estratégia dos patrões aliciar a seu favor os chefes de aldeias Tukúna. Era comum os patrões presentear os tais chefes — chamados *te? ti'* no idioma Tukúna — com o objetivo de obter deles a colaboração nos seus empreendimentos. Caso os chefes se negassem a colaborar, os patrões chegavam ao ponto de destituí-los dos seus cargos. Diante disso, os chefes Tukúna se encontravam numa situação ambígua: "... were condemned to lie to their 'charges' in order to please their masters, and to lie to the latter so as not to be completely despised by their fellows"⁹. Nimuendaju ainda relata que, em 1929 e em 1942, conhecera vários *te? ti'* e que todos eles, pelo estranho comportamento que passaram a ter após o contato com os brancos, terminaram sendo mortos pelos seus próprios companheiros¹⁰.

A opressão dos patrões perdeu com grande intensidade até a criação do Posto Indígena Ticunas, em 1942, de responsabilidade do antigo órgão oficial de Serviço de Proteção aos Índios (S.P.I.). A presença do referido órgão não impediu porém, a continuação da exploração dos Tukúna por parte dos patrões, agora de um modo disfarçado¹¹.

A ação dos missionários católicos e evangélicos junto aos Tukúna, ocorrida desde o princípio das relações com os brancos, também contribuiu para a sujeição dos índios, se bem que em outro nível do que aquele levado a efeito pelos patrões. A cristianização dos índios pretendida pelos missionários nada mais era do que "... a destruição das crenças tribais e sua substituição pelas doutrinas alienígenas"¹².

Os missionários conseguiram inculcar com tal intensidade as idéias do cristianismo na mente dos Tukúna que a figura de Deus sobrepôs-se a do seu próprio herói cultural: *dyo'i*. De acordo com o mito Tukúna, *dyo'i*, que nasceu juntamente com seu irmão *e:pi*, é o gerador dos Tukúna, enquanto *e:pi* é o pai dos brancos. Um dia, devido a desentendimentos ocorridos entre ambos, eles se separaram, indo *dyo'i* para o lado leste e *e:pi* para o oeste. O mito não se refere a uma possível volta de *dyo'i*.

Para os Tukúna, o Deus dos cristãos é mais forte e poderoso do que *dyo'i*. Por isso mesmo, na medida em que o messianismo vai se formando e os Tukúna passam a acreditar na vinda de um redentor para os libertar da presente ordem de coisas, a confiança depositada em *dyo'i* para a realização da esperança aos poucos cede seu lugar para Deus. Por isso, neste momento em que se desenvolve entre os Tukúna um movimento messiânico de grandes proporções, todos são unânimes em afirmar que Ir. José — o messias esperado — foi enviado pelo Deus dos cristãos para os salvar. Neste particular, o nome de *dyo'i* não é mais pronunciado.

É, portanto, neste contexto histórico de dependência econômica, política e social Tukúna, que caracteriza uma situação colonial¹³, que deve ser entendida a esperança messiânica Tukúna. Esta nada mais é do que uma reação, de aparência religiosa mas de

conteúdo político, à situação de submissão. "Ce transfert des réactions politiques au niveau des activités religieuses est d'ailleurs fréquent dans le cadre d'une situation de dépendance; celles-ci servent dans une certaine mesure à dérober celles-là"¹⁴. Consequentemente, o messianismo Tukúna não pode ser visto como o **ópio do povo**, mas como um mecanismo ideológico de resistência à situação de subordinação aos brancos. Em torno do messianismo os índios se unem para preservar a sua própria identidade étnica, constituindo-se na última esperança de um povo que não quer morrer.

D'une façon générale, la religion est le centre de résistance le plus important. On peut bien changer sa langue, ses manières de vivre et ses conceptions amoureuses. La religion forme le dernier retranchement, autour d'elle toutes les valeurs qui ne veulent pas mourir se cristallisent. Le sacré forme, dans la bataille des civilisations, le dernier carré qui refuse de se rendre.¹⁵

3. O messianismo Tukúna

O etnólogo alemão Curt Nimuendaju, que esteve entre os Tukúna em 1929 e em 1942-45, foi o primeiro a registrar a existência de movimentos messiânicos entre esses índios. Em 1959, Maurício Vinhas de Queiróz detectou novos surtos messiânicos, ocorridos depois de 1945. Segundo levantamento feito pelos dois autores, somam-se sete movimentos messiânicos, verificados no espaço de tempo que vai do princípio do século até 1961. Nenhum dos movimentos mobilizou toda a população indígena, mas somente os moradores de um igarapé ou de uma área determinada. Mesmo assim, percebe-se neles o desejo indígena, consciente ou inconsciente, de "livrar-se da dependência, domínio e sujeição por parte dos civilizados. Este objetivo é compreendido claramente pelos seringalistas, os quais nunca deixaram de intervir, e intervir através da violência física, das ameaças e o apelo às autoridades"¹⁶.

O primeiro movimento messiânico deu-se no início deste século, quando uma jovem Tukúna do território peruano, tida pelos índios como extraordinária, reuniu em torno de si índios Tukúna do lado brasileiro e peruano. Os brancos, ao saberem do ajuntamento, "surrounded the assembly and attacked it with firearms, killed some Indians, thrashed the rest, and carried off the girl prophetess to an unknown fate"¹⁷.

O segundo surto ocorreu cerca de dez anos após, com um jovem índio chamado Aureliano, do rio Jacapurá, fabricante de rabecas e violas. Como começou a ter visões, construíram-lhe uma casa a parte, "to receive the revelations of the immortals"¹⁸. Os brancos, porém, o prenderam sob pretexto de que não pagava imposto pelo fabrico dos instrumentos.

Por volta de 1932, "índios Tukúna se reuniram em Atiparanã, onde esperavam que lhes aparecesse Deus. Acometeu-os uma epidemia e morreu gente em quantidade. Ainda hoje existe por lá um cemitério"¹⁹.

Nos anos de 1938-39, no igarapé São Jerônimo correu voz de que uma enchente de água quente inundaria tudo. Então os Tukúna partiram para o alto do igarapé e construíram uma grande maloca. Visto que o anunciado não ocorria, aos poucos regressaram à vida de sempre²⁰.

No mesmo igarapé, outro movimento ocorreu em janeiro de 1941, com o jovem *nora'ne* que, subitamente, começou a ter visões. A primeira delas ocorreu quando pescava perto da ponta de um igapó: um homem branco se aproximou dele, de canoa, e pediu sua pesca, prometendo encontrar-se com ele no mesmo lugar dali a três dias. Encontraram-se, conforme combinado e, desta vez, o visitante prometeu que no dia seguinte o encontraria na casa de seus pais. De fato, o rapaz o viu na ponta do mato e correu para junto dele. Seus pais correram para pegá-lo. Ele, porém, se embrenhou na floresta, voltando somente três dias após, afirmando ter estado com o homem branco, *tetukira*, filho de *e:pi*, no *e'vare*, paraíso Tukúna, conforme sua mitologia. *Nora'ne* voltou dizendo que fora incumbido por *tetukira* de dizer aos Tukúna que

everyone should assemble at the site of *dyoi's* abandoned house, *taivegi'ne*, clear a big plantation, and erect a large house in the old style for celebrating certain festivals. Afterward, a huge flood would come and annihilate all the *civilizados*, but the Tukuna at *taivegi'ne* would be spared²¹.

Efetivamente, em janeiro de 1941, a maioria dos Tukúna do igarapé São Jerônimo estavam reunidos no *taivegi'ne*. Então, Quirino Mafra, patrão da área, que via sua mão-de-obra desertar, chegou ao local, ridicularizou as profecias de *nora'ne*, ameaçou deportá-lo para o Rio de Janeiro e contratar o governo para aniquilar os índios com bombardeio aéreo. *Nora'ne* continuou a ter visões, mas, diante das ameaças do patrão e devido a um incesto clânico, o movimento fracassou.

Em 1946, correu notícia entre os Tukúna de Takana, Belém do Solimões e adjacências, de que em breve uma enchente de água fervendo dizimaria tudo, escapando da catástrofe somente as terras do Posto Indígena, localizado na aldeia de Mariuaçu. Diante disso, muitas famílias Tukúna abandonaram rapidamente suas casas, rumando, com poucos mantimentos, em direção do posto, "pois estavam certos que antes da catástrofe, um navio grande, enviado pelo governo e abarrotado de gêneros, atracaria em Tabatinga"²². Desse modo, os Tukúna do Posto teriam víveres durante a catástrofe e para recomear a plantar após ela.

O movimento terminou em conflitos, doenças e fome, pois não havia alimentos para todos no Posto. Então alguns regressaram para o lugar de origem, outros emigraram para o Peru e a Colômbia e uns se estabeleceram em definitivo no Posto ou arredores.

O sétimo movimento deu-se nos anos de 1956 a 1961, no alto rio Assakaia, lugar onde morava Ciríaco, um *xamã*. Aos poucos sua fama foi aumentando e os Tukúna voltaram a abandonar suas casas e migraram para junto dele, chegando a formar um povoado. Ciríaco anunciava que "vinha um navio grande cheio de mercadorias"²³ e que, em breve ali resplandeceria uma cidade encantada só para os Tukúna, superior à dos *civilizados*, com ruas largas e luz elétrica. Neste período, a fama do profeta era tanta que Ciríaco era tido como o *homem-Deus*. Mas, em 1960, o *proprietário* daquelas terras, também Quirino Mafra, resolveu pôr fim àquilo tudo. Surrou alguns dos mais fanáticos e entregou outros à polícia. Já então o prestígio de Ciríaco estava abalado porque os Tukúna tinham cansado de esperar o navio carregado de mercadorias. Neste ínterim, outros problemas aconteceram com o profeta que, para salvar sua vida, fugiu. Os Tukúna, por sua vez, desolados, aos poucos regressaram para suas malocas abandonadas.

Segundo Cardoso de Oliveira,

parece inegável que esses surtos contêm elementos políticos bastante significativos, quando exprimem o anseio de libertação de uma população oprimida que se acredita, ao que tudo indica, predestinada a receber um Messias que lhe mostrará finalmente o caminho de sua salvação.²⁴

Realmente, a partir de 1972 os Tukúna identificaram o messias esperado na figura de um não-índio de nome José Fernandes Nogueira, que atribuiu a si mesmo o nome espiritual de **Irmão José Francisco da Cruz**, e que, no ano acima referido, chegou ao Alto Solimões anunciando para breve o fim dos tempos, dizendo-se fundador de uma nova religião: a **Ordem (Irmandade) Cruzada Católica Apostólica e Evangélica**, mais conhecida por Movimento da Santa Cruz.

4. O Movimento da Santa Cruz

A **Ordem (Irmandade) Cruzada Católica Apostólica e Evangélica**, ou Movimento da Santa Cruz, possui gênese católica, pois seu fundador se considera como tal²⁵ e tem por base o Evangelho e a Cruz. Segundo Ir. José, a Santa Cruz

não veio desfazer o catolicismo atual, mas apenas dar a garantia e a perfeição, sem transgressão equivalente, os mandatos de Cristo, através dos 12 apóstolos e o santo evangelho, tanto prova que não se desfaz do catolicismo atual, apenas aponta transgressões e negociações e completo abandono de Cristo, equivalente os seus mandatos, deixando o Senhor Jesus por último lugar quando ele é o único salvador do mundo... (*Santa Bússula do Povo de Deus*, 19 set. 1977).

A doutrina do Movimento da Santa Cruz está exposta nos seus dois Estatutos, idealizados por Irmão José quando se encontrava no Peru, certamente baseando-se em modelos de associações católicas, muito em voga antes do Concílio Vaticano II, tais como: **Filhas de Maria**, **Irmãos do Santíssimo Sacramento**, **Juventude Operária Católica** e outras. Os Estatutos da **Ordem (Irmandade) Cruzada Católica Apostólica e Evangélica** contêm três capítulos, que, segundo seu mentor, representam as Três Pessoas da Santíssima Trindade; doze artigos, que lembram os doze apóstolos; e trinta e três pontos, em memória dos trinta e três anos que Cristo passou na terra²⁵. Os Estatutos possuem prescrições religiosas e morais. Entre as religiosas, destacam-se as de crer somente em Deus (pontos 1 e 22), possuir a Santa Bíblia, seguir os seus ensinamentos e familiarizar as crianças com os mesmos (pontos 9, 14, 17 e 19), venerar unicamente a Cruz (ponto 2), participar dos sacramentos, em especial do batismo, confissão e comunhão (pontos 13, 18 e 20), esforçar-se para aumentar o número de adeptos da Irmandade (pontos 23 e 25). Entre as prescrições morais, frizam-se as de não tomar bebida alcoólica (ponto 5) não praticar a poligamia (pontos 6 e 22), não assistir a festas imorais — entre elas figura a **Festa da Moça-Nova**, principal rito de passagem Tukúna — (ponto 19), não usar vestidos acima dos joelhos e que não possuam mangas (pontos 7 e 17).

Essas e outras normas e regras de conduta a serem seguidas pelos membros da Irmandade estão igualmente escritas em formulários, isto é, manuscritos ou escritos datilografados, quase todos de autoria de José Francisco da Cruz.

A idéia religiosa central do Movimento da Santa Cruz é a de que o século XX está se desviando dos ensinamentos de Cristo; diante disso, José Francisco da Cruz foi escolhido e nomeado **Missionário do Sagrado Coração de Jesus**, diretamente por Deus, para encabeçar uma reforma cristã mundial e salvar a todos quantos aderirem ao Movimento de uma catástrofe que acontecerá no fim deste século²⁷.

O Movimento da Santa Cruz não logrou obter êxito a não ser no Peru, no Departamento de Loreto, na região da selva, onde possui cerca de nove mil adeptos, e no Alto Solimões, onde têm em torno de onze mil prosélitos, dos quais dez mil são Tukúna. Tanto os índios como os demais seguidores do profeta são pessoas simples, marcadas pela dependência dos patrões sustentada ao longo de muitos anos. Neste sentido, os índios e os **caboclos** são irmãos de exploração, que, conscientemente ou não, depositam em Ir. José a esperança de uma vida futura melhor.

No momento, José Francisco vive num local afastado dos aldeamentos Tukúna, mas suficientemente perto para controlar e comandar o Movimento. Para tanto, desempenham um papel importante os seus **discípulos**, ou **mensageiros**, todos distribuídos hierarquicamente.

4.1. O líder do Movimento

O fundador e líder do Movimento da Santa Cruz é José Francisco da Cruz. Num escrito autobiográfico, ele afirma ter nascido em Cristina, Estado de Minas Gerais, no dia 3 de setembro de 1913. Diz ainda que, quando estava no ventre materno, sua mãe foi acometida de doença que possivelmente a levaria a perder a criança. Diante de tal situação, ela fez uma promessa ao Sagrado Coração de Jesus no sentido de que, se a criança nascesse, e fosse um menino, seria encaminhado ao seminário para se tornar **Missionário do Sagrado Coração de Jesus**. De fato, nasceu um menino, que recebeu o nome de José Fernandes Nogueira e que por duas vezes seus pais tentaram encaminhar ao seminário: quando completou nove e treze anos de idade. Ambas as tentativas não lograram êxito, por razões até o presente não reveladas por Ir. José, ou, talvez, por ele desconhecidas. José Francisco era sabedor da promessa de sua mãe, mas, mesmo assim, casou-se, tornando-se pai de sete filhos. No entanto, embora casado nunca esquecera a promessa efetuada por sua genitora. Por certo tal problema o preocupava. Por isso, buscava compensação na participação efetiva e constante em todas as atividades religiosas de sua paróquia, refugiando-se inclusive num pietismo extremado. Mas o conflito interno que sentia por não ter cumprido a promessa da própria mãe era de tal intensidade que, em 1944, após a participação, durante sete dias, das missões pregadas pelos padres Redentoristas sob a direção do padre Antonio Diana Siqueira, de São João da Boa Vista (SP), ao retornar à casa começou a ter visões, que se sucederam durante alguns dias, conforme relata o próprio Ir. José num escrito intitulado *Santa Bússula do Povo de Deus*:

Atenção meus queridos ouvintes, agora no século XX das altas cordilheiras de Minas Gerais, no ano de 1944, baixa do céu a terra, a doce figura do coração de Jesus, em tamanho natural, em forma de homem, em uma madrugada, quando chegava de uma viagem, o coração de Jesus, olhando atenciosamente em mim entregava uma grande cruz, de cor maron, dizendo toma esta cruz apostólica evangélica, quando o mundo for

isolado, ela será a salvação, em seguida apontando com dedo indicador, um grande volume vermelho e dizendo leva ao mundo, aqui está a vida, cujo volume era o santo evangelho, em seguida desapareceu; no dia seguinte, nova visão as três pessoas divinas, Pai, Filho e Espírito Santo, em forma corporal humana, mas o divino Espírito Santo eu vi entre o Pai e o Filho, era como uma estrela luminosa, com grande resplendor, todo radiante cheio de chispa, donde Jesus nada falou, mas o Pai disse assim tudo que você está vendo, e já viu e vai ver, são obras do excelso erador, Deus Pai, que criou os visíveis e os invisíveis, não se atemorize, não se amedronte, não se desmaie, porque o mesmo que condena é o mesmo que salva, em seguida desapareceu; então no dia seguinte, a terceira visão, mas neste dia não apareceu as divinas personagem, apenas vi tudo que havia de aparecer, e suceder, e passar, hai, está si passando e vendo, ouvindo como um santo acontecimento, ou como uma película sagrada, ou como um filme sagrado, marcado por Deus, da mesma forma representa a terceira reforma cristã mundial, talvez a última reforma, agora no século XX, e por isso esta minha Ordem, é mandada por Deus, para conquistar o mundo para Cristo, a fim de salvar a humanidade, segundo aqueles que for unidos com nossa missão, na forma de nossa Cruzada Católica Apostólica e Evangélica, pela base de nossos estatutos, e direção de nossa diretiva, através do santo evangelho e a santa cruz, por meio de minha santa missão, venha povos irmãos, aqui estou para orientar a vós mediante a direção que vem do céu, eis aqui o tempo de aproveitar o tempo enquanto é tempo.

Na introdução do I Estatuto lê-se que a Irmandade Cruzada Católica Apostólica e Evangélica foi fundada por Ir. José Francisco da Cruz no dia 23 de maio de 1963, no norte do Paraná (Brasil). Consta que, um ano antes, ele abandonou definitivamente o seu lar, concretizando assim a ordem recebida na visão, de peregrinar pelo mundo convertendo as pessoas a Cristo.

4.1.1. Sua peregrinação

Disse-nos Ir. José que, durante onze anos, de 1962 a 1972, percorreu nove Estados brasileiros, a saber: Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Goiás, Acre e Amazonas, e seis nações latino-americanas: Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia e Peru. Num escrito de 28 set. 1977, intitulado *Nova luz da esperança: o grito da selva*, Ir. José relata as vicissitudes de sua peregrinação:

Andei a pé 38 mil quilômetros, 18 anos carreguei peso de 16 quilos, até 60 dormi no chão frio, 7 anos fiquei de forma ajoelhado na hora de jantar, durante 4 anos carreguei cílcio, cinturão de pregos durante 21 anos, já fui atacado pelas tribos de índios botocudos, na selva sertaneja do paraguai, na selva do cachimbo enfrentei alguns selvícolas das tribos cherengue e da tribo boca negra no sertão, na divisa da área já enfrentei índios bororos e carijós, no sertão de amanbaia do sul de mato grosso, já tive 30 dias na selva bruta de Mato Grosso, lá eu enfrentei crocodilos e onças pintadas, onças vermelhas, já dormi junto das onças e enfrentei grandes varas de porcos, já enfrentei um monstro negro em forma de criatura, divulgava na sua cara pelos canais que surgia chamas de fogo de medo eu fiquei valente, com a santa cruz de Cristo em punho invoquei a santa cruz no formato, de sua cara, donde se surgia fogo, imediatamente ouvi sussuro como de um cavalo no campo, nunca mais eu vi este formato, já me acompanhou um grande gemido, terrível do rio grande do sul até bem perto de Montevideu, capital federal do Uruguai, eu cheguei a perguntar a este espírito mas não tive resposta, e hoje eu ainda não sei bem certo esta finalidade, eu já enfrentei um preto assassino quando vinha

mandado por alguém armado até os dentes, me proibiu a minha passagem, no Rio Branco capital do Acre, mas eu passei 5 dias nesta capital, o único que me hospedou em sua casa foi um pastor, do circo exotérico, fui atacado por 7 enfermidades das selvas com 16 chagas contaminação das selvas, para iniciar esta missão fiz um jejum 4 anos com puramente água nas quarta-feira, sexta-feira e domingo.

Em todas as suas andanças, José Francisco nunca conseguiu adeptos ou ouvintes assíduos, a não ser no Peru, no Departamento de Loreto, onde, pela primeira vez, encontrou considerável receptividade. Um dos motivos da adesão de um não pequeno número de pessoas daquele país ao **Hermanito de la cruz** deveu-se à fama que ele então possuía de ser milagroso. A saída do Ir. José do Peru ocorreu em função de conflitos entre os seus adeptos e as autoridades eclesiásticas e civis. Ao ingressar em território colombiano, José Francisco fora preso pelas autoridades militares, e solto após seis dias. Então José Francisco da Cruz escolheu o Alto Solimões como campo de sua missão apostólica.

A partir dos primeiros meses de 1972, Ir. José peregrinou por todas as cidades e aldeias ribeirinhas do Alto Solimões, pregando e plantando cruzeiros de madeira que mediam entre cinco e quatorze metros de altura. Em todas as comunidades por que passava, deixava constituída uma Junta Diretiva de sua Ordem, composta de nove membros: Capitão, Diretor, Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Vice-Secretário, Tesoureiro, Fiscal e Procurador. Ato contínuo, ele ia em frente.

O trajeto percorrido por Ir. José no Alto Solimões foi da vila chamada Marco, no município de Benjamin Constant, descendo o rio Solimões até o encontro das águas do rio Içá, no município de Santo Antônio do Içá, subindo pelo Içá até o rio Juí, no qual se adentrou e se estabeleceu. No presente, ele vive à margem desse rio, em local por ele batizado de **Lago Cruzador**, juntamente com dois meninos, um de quatorze e outro de nove anos de idade. É sua intenção construir naquele lugar uma vila, a fim de ser a sede espiritual da ordem: a vila U.P.A., o que significa, **União Predicadora Apostolar**, ou **União, Paz, Amor**. De momento, existe apenas uma igreja rústica, uma casa de paxiúba, atual residência do líder e dos meninos, e mais duas outras pequenas casas. Ir. José é constantemente visitado por caravanas de prosélitos vindos do Peru e do Brasil, os quais, além de participarem das atividades religiosas, são convocados por Ir. José a trabalhar na chácara da Irmandade, de 250 metros de largura por um quilômetro de comprimento. Em janeiro de 1978, Ir. José pagava Cr\$ 0,80 por hora a cada trabalhador. É intenção dele comercializar os produtos colhidos na chácara para construir uma olaria, a qual venha a fornecer tijolos para construir, na vila U.P.A., um hospital, um asilo e outras habitações. Para tanto, utilizar-se-á também dos fundos provenientes do dízimo, isto é, 10% do que um pai de família ganha num ano, que doravante passará a cobrar de todos os pertencentes à Irmandade. Além disso, ele conta com possíveis doações que venha a receber. Por ocasião de nossa pesquisa, havia uma placa defronte à habitação do profeta, com os seguintes dizeres: "Placa de concentração: aceitamos donativos e material para construção pra fraternidade, capela, hospital, patronato".

4.1.2. Sua personalidade

Convivendo com o citado personagem, logramos obter alguns dados referentes à sua personalidade. Ir. José interpreta os seus sonhos como sendo visões celestiais, pelas quais Deus manifesta as suas mensagens, ordens ou provações. Assim que ele acorda, imediatamente procura desenhar os sonhos, não esquecendo de escrever antes a palavra **decreto**, e depois a data da noite do sonho, pois, de acordo com o que pensa, o sonho é um decreto divino a ele endereçado. Como não poderia deixar de ser, todos os prosélitos também acreditam piamente que Deus se comunica com Ir. José por meio do sonho. Ir. José ainda afirma ouvir constantemente vozes, em especial do cão (satanás) e dos anjos.

A mania de perseguição que José Francisco possui chega a ser obsessiva. Sempre que ele deixa sua residência em direção à igreja, uma distância que não excede a cem metros, fecha muito bem a única porta da casa, por vezes até pregando-a. Em seus sonhos seguidamente surge satanás que o quer tentar, aviões que desejam bombardeá-lo, soldados armados que intentam matá-lo. Em sonhos dessa natureza, que são por ele interpretados como sendo provações divinas, Ir. José sai vitorioso, visto que implora de cruz na mão a clemência e o poder divino, sendo sempre ajudado. Todas as pessoas que visitam Ir. José permanecem junto a ele enquanto houver a luz do dia. Após isso, são convidados a se retirarem para longe, podendo retornar no dia seguinte para o culto que inicia às 7h30min. Segundo Ir. José, esta sua atitude é justificada, pois “de noite é bom ficar só, porque a noite é trevas, a noite é do cão, é imprevisível; a noite é parda; é bom se afastar por causa de sabotagem. . .”.

Em nosso primeiro contato com José Francisco, ouvimo-lo durante quatro horas seguidas sem podermos sequer fazer uma interrupção. Seu monólogo teve passagens bruscas: iniciou contando a própria vida, logo a seguir introduziu citações bíblicas, narrativas de histórias de santos ou histórias outras, não sustentando uma seqüência lógica em sua explanação. Notamos que o mesmo ocorre nos seus sermões e pronunciamentos. Em tais oportunidades, ele parece perder a noção do tempo, e dificilmente encara o interlocutor ou o público. Quando assim o faz, parece ser de modo agressivo, pois levanta o timbre da voz, arregala os olhos e aponta o dedo indicador em direção do(s) ouvinte(s). Em seguida, fecha novamente os olhos, abaixa a cabeça, une as mãos, diminui o tom da voz e continua falando um português misturado com espanhol. Porém, em conversas individuais, após o impacto do primeiro contato, observamos que Ir. José torna-se normal, perguntando e respondendo a questões diretas e objetivas. Notamos ainda que em suas narrações demonstra excelente memória, citando nomes de pessoas, cidades, rios, etc., quer se trate de algo recente quer de algo do seu tempo de criança. Aos seus adeptos, em especial os Tukúna, não importa muito o que ele fala, pois, em virtude da má pronúncia e mistura de dois idiomas, quase não é entendido por eles. Mesmo assim, todos o ouvem atentamente, tecendo elogios à beleza de sua conversação.

Outra faceta de sua personalidade, é o acentuado ginecofobismo, por razões não esclarecidas. Ir. José repete seguidamente que **mulher é tentação, o cão se aproveita das mulheres**, e outras frases com sentido idêntico.

Segundo nossas observações, Ir. José, apesar da idade e do seu passado de lutas, possui uma resistência física incomum. Vimo-lo trabalhar com a enxada durante algumas

horas, sob sol forte, vestido de batina, meia e sandália; vimo-lo celebrar uma missa em pé, durante cinco horas, usando três batinas; vimo-lo caminhar por toda a extensa chácara; vimo-lo alimentar-se frugalmente; e, além disso, conforme nos asseguraram os meninos que com ele residem, Ir. José não dorme mais do que três a quatro horas por noite. Tais ações excepcionais seguidamente comentadas pelos Tukúna, constituem-se em provas da qualificação carismática²⁸ de José Francisco da Cruz.

Realmente, Ir. José reúne qualidades de um líder carismático: julga-se enviado divino e é reconhecido como tal; possui constantes visões; leva uma vida de asceta; transmite uma mensagem e é convicto dela; os fiéis acreditam no seu poder milagroso.

4.2. A organização do Movimento

A organização do Movimento da Santa Cruz em território peruano não é tão perfeita como no Brasil. Naquele país, o representante maior da Ordem é um patriarca, nomeado por Ir. José²⁹. Além dele, em todas as comunidades da Santa Cruz há um sacerdote da Irmandade que preside os cultos religiosos, constantes da leitura de um trecho do Evangelho, comentário do mesmo, cânticos e rezas diversas. Não é permitido aos sacerdotes celebrar missa. Tal poder só possuem os patriarcas.

Já no Brasil há dois patriarcas, ambos civilizados. De acordo com o Art. 9.º da Ata Central do 3.º Congresso Espiritual do Movimento da Santa Cruz, realizado em setembro de 1977, no Lago Cruzador, cada patriarca possui a área própria de jurisdição. Assim, ao 1.º patriarca cabe a área compreendida entre Atalaia do Norte e o cruzamento dos rios Içá-Solimões, subindo pelo Içá até a fronteira com a Colômbia. Ao 2.º patriarca cabe a área da foz do Içá até a cidade de Tefé, subindo pelo Jutáí, até onde houver comunidades da Santa Cruz.

Os patriarcas são os representantes diretos do fundador da Irmandade nos povoados sob sua jurisdição. Além de ministrarem os sacramentos do batismo, matrimônio e unção dos enfermos, eles podem celebrar cultos religiosos. Estes constam essencialmente de cânticos e rezas, havendo inclusive o momento da consagração e comunhão. Nossa pesquisa revelou que os patriarcas procuram imitar Ir. José em muitos aspectos: no caminhar, no portar-se perante o público, no impor as mãos sobre os fiéis, etc.

Abaixo dos patriarcas, de acordo com a hierarquia estipulada por Ir. José, estão os capitães, ou Inspetores da Ordem, em número de seis, todos civilizados. Eles também possuem uma área pré-estabelecida para atuação. A principal função deles é inspecionar as comunidades, solucionando pequenos problemas que surjam e encaminhar os maiores à solução do patriarca a que estão sujeitos.

Aos capitães seguem, dentro da hierarquia, os sacerdotes, ou mensageiros. Em janeiro de 1978, conforme ouvimos do Ir. José, havia trinta e seis deles espalhados pelo Alto Solimões. Porém, como alguns não cumpriram as ordens por ele estabelecidas, foram destituídos dos seus cargos. Somente quatro deles são Tukúna, os demais são civilizados. Cada sacerdote tem uma função específica a cumprir. Há sacerdotes oradores, conselheiros, há os que ministram o sacramento do batismo, ou a unção dos enfermos, ou o matrimônio. Além da função específica, todos têm a obrigação de espalhar pelos povoa-

dos a doutrina do Movimento da Santa Cruz, e atender prontamente a eventuais solicitações dos capitães ou patriarcas. Também eles têm área estabelecida para atuação específica. Os sacerdotes, bem como os capitães, foram rebatizados ao assumirem novos encargos dentro da Irmandade³⁰.

Na ordem decrescente, depois dos sacerdotes encontram-se os **aspirantes a sacerdote**. Nesta posição estão todos os diretores das comunidades locais que se submeteram ao **batismo das águas**³¹. Consoante informações do próprio Ir. José, existem vários diretores pretendendo tornar-se sacerdotes, mas que somente o serão após passarem por **algumas provações**...

Ainda em cada comunidade há uma Diretoria local composta dos nove membros já referidos. Os cargos de diretor e capitão são os que conferem maior prestígio. O diretor possui a incumbência de liderar os atos religiosos, enquanto o capitão é o encarregado de chefiar as atividades sociais.

Os membros das comunidades da Santa Cruz se reúnem duas vezes ao dia para a oração: pela manhã e pela noite. Nessas ocasiões, o diretor preside as cerimônias que constam de cânticos — todos católicos pré-conciliares — e de preces, algumas tradicionais e outras improvisadas. Sempre ocorre um sermão, dito geralmente em idioma Tukúna, onde são relembrados os princípios religiosos e as normas oriundas do Ir. José. Tais cerimônias duram em média uma hora e meia. Ainda, uma vez por mês, na data em que Ir. José há sete anos ergueu a cruz na comunidade, todos os fiéis saem pelo povoado em procissão, vestindo roupas brancas, carregando velas acesas, cantando entusiasticamente, rememorando assim aquele evento.

No mínimo duas condições precisam ser satisfeitas para alguém figurar na hierarquia do Movimento: ser alfabetizado, razão pela qual poucos Tukúna participam dela, e ser casado. Conforme Ir. José, quem já for casado ou batizado na Igreja Católica não necessita submeter-se novamente àqueles sacramentos. Deverá, porém, submeter-se ao **batismo das águas**, no Lago Cruzador.

Todas as pessoas possuidoras de algum dos cargos acima citados são portadoras de um documento, expedido pelo próprio Ir. José, que as identifica como tal. Participar na hierarquia do Movimento é garantir prestígio social. Em especial nas comunidades indígenas, os **patriarcas**, os **inspetores** e os **sacerdotes** são alvo de especial deferência.

Ao que parece, a organização do Movimento visa, em última instância, à institucionalização do mesmo, constituindo-se assim num processo de **rotinização do carisma**.

5. Fatores que contribuíram para o sucesso do Movimento da Santa Cruz junto aos Tukúna

Parece que a fama que antecedeu a chegada do Ir. José em território Tukúna, aliada ao seu carisma, reconhecido pelos índios, e a coincidência de sua pregação escatológica com a expectativa Tukúna, constituíram-se em elementos decisivos para o sucesso do Movimento entre os Tukúna.

Consta que nos últimos meses de 1971 se espalhou rápido a notícia, em especial entre os Tukúna, de que em breve apareceria ali alguém santo, milagroso e enviado para eles. Esta nova chegou inclusive aos altos igarapés, onde ainda residiam muitos Tukúna, os quais deixaram suas moradias, estabelecendo-se nas margens do Solimões, aguardando a passagem de tão extraordinária pessoa. De acordo com informantes regionais, a chegada de Ir. José no Alto Solimões foi deveras triunfante. Cerca de duas mil pessoas, entre peruanos e brasileiros, índios e não-índios, embarcados em canoas e outros meios de transporte fluvial, trazendo consigo mantimentos de toda ordem, acompanhavam o profeta.³²

O cenário formado pela caravana messiânica deve ter causado um profundo impacto psicológico nos indígenas. Com efeito, o messias anunciado, que enfim contemplavam, era o sócia da pintura de Cristo, tão familiar a eles: um homem relativamente alto, magro, barbudo, vestido com uma túnica branca e carregando sua cruz. A pregação do messias nas margens do grande rio a uma multidão deslumbrada, evocava neles outro cenário, também familiar, o de Cristo pregando no Lago Tibiríades. Dessa forma, os Tukúna associaram a figura do Ir. José com Deus³³, identificando-o com o messias esperado.

Houve Tukúna que, em julho de 1975, nos asseguraram que **Ir. José é Deus**, que **Ele não morre mais, pois já morreu uma vez na cruz**, e outras frases com sentido análogo. Todavia, em janeiro de 1979, não mais ouvimos os Tukúna afirmarem: **Ele é Deus**, mas sim todos unanimemente diziam que **Ele é enviado de Deus**, porquanto nas suas alocações Ir. José proclama-se **enviado diretamente por Deus para salvar a humanidade**. Esta frase é interpretada pelos Tukúna, segundo pensamos, no sentido de que Ir. José é o enviado por Deus para os salvar. E mais: sendo enviado por Deus, ele tem poderes de um Deus. Por isso, não raras vezes ouvimos os Tukúna proclamarem: **"Ir. José tem pensamento diferente"**. Com isso eles querem afirmar que José Francisco não é um homem comum, mas sim um **semideus**. Os Tukúna têm plena certeza de que Ir. José devido ao seu **pensamento** vê tudo o que eles fazem, mesmo estando sós, e sabe tudo quanto acontece no mundo. Igualmente os Tukúna crêem no poder taumaturgo de José Francisco, mesmo que nunca tenham assistido a nenhum milagre seu. Acreditam que não possuem o privilégio de presenciar milagres devido à condição de **pecadores** que julgam ser.

Na vila U.P.A., constatamos a profunda deferência que os Tukúna têm para com o fundador e líder do Movimento da Santa Cruz. É costume entre os índios, bem como entre os civilizados adeptos do Movimento, ao se aproximarem do Ir. José, enquanto dizem: **Louvado seja Nosso senhor Jesus Cristo**, efetuarem uma leve genuflexão e o sinal da cruz. Além disso, notamos que enquanto trabalham ou estão descansando, falam o estritamente necessário e em voz baixa. Não se dirigem ao profeta a não ser quando a iniciativa partir dele. Tudo, em derredor, forma um ambiente sagrado, pois, na realidade, julgam estar diante do **enviado de Deus**.

Por ocasião de sua chegada ao Alto Solimões, Ir. José, em todas as comunidades em que parava, anunciava uma **catástrofe** para o fim do século como castigo de Deus para a humanidade atéia, enfatizando que a única possibilidade de salvação existente estava na **Ordem (Irmandade) Cruzada Católica Apostólica e Evangélica**, fundada por ele, por ordem divina.

Após ouvirem atentamente tais palavras, os Tukúna observaram que poucos civilizados se vincularam ao Movimento e que elas coincidiam com a sua esperança, qual seja, da própria libertação — por meio de um redentor — e do desaparecimento dos **injustos, infiéis, pecadores**, como repetia Ir. José, identificados pelos Tukúna como sendo os brancos. Dessa forma, segundo os índios, o messias acabava de anunciar a sua chegada. Por isso, eles não titubearam em aderir maciçamente ao Movimento da Santa Cruz³⁴ e depositar em Ir. José a irrestrita confiança da salvação³⁵.

Evidentemente que subliminar a esses fatores que motivaram a adesão Tukúna ao Ir. José está o messianismo dos índios, fomentado pelo tipo de relações mantidas pelos civilizados em relação a eles.

O tema da escatologia, que causou grande impacto inicial nos Tukuna, foi em seguida abandonado pelo fundador do Movimento. Ocorreu então a fase da organização do mesmo. Nos últimos meses, porém, a **catástrofe** profetizada voltou à baila, tanto de parte do líder quanto dos Tukúna. Parece mesmo que a questão da **catástrofe**, é um dos elementos relevantes para a união dos Tukúna em torno do Ir. José. Por isso, de tempos em tempos, esse tema é relembrado.

6. Os índios Tukúna e o Movimento da Santa Cruz: situação atual

Reiteramos que o Movimento da Santa Cruz está em pleno desenvolvimento entre os Tukúna, sendo um movimento dinâmico, como o são todos os movimentos desse tipo, sempre sujeito à imprevisibilidade. Dessa forma, no momento, fins de 1979, pessoalmente entendemos que o Movimento da Santa Cruz revela aspectos paradoxais em relação aos Tukúna. Por um lado, propicia maior senso de fraternidade grupal, possibilita a retomada do comunitarismo tribal e ensina a identidade étnica dos Tukúna com o Movimento. Por outro lado, devido ao Movimento, os Tukuna estão sujeitos à dominação carismática do Ir. José, põem em risco suas vidas quando se lançam pelo grande rio, por vezes em precárias condições, para visitar o fundador da Irmandade e são explorados economicamente pelos intermediários do Movimento.

Quem chegar hoje em dia a uma aldeia Tukúna da Santa Cruz certamente ficará surpreso pelo ambiente de paz e fraternidade ali reinante. Tais virtudes se manifestam inclusive em relação aos brancos, que são recebidos afavelmente pelos índios³⁶. Nos dias atuais, são raríssimas as brigas e os desentendimentos entre os indígenas. Tal comportamento não era comum aos mesmos, conforme relatam os mais velhos da tribo e consta na literatura etnográfica. Outrora eles brigavam muito, havendo mortes em quase todas as festas que realizavam. A proibição, por parte do Ir. José, de tomarem bebidas alcoólicas favoreceu o restabelecimento da harmonia social. Este fato é, aliás, constantemente lembrado pelos Tukuna, quando querem exaltar os benefícios trazidos pela Santa Cruz.

Ainda na atualidade, em cada aldeia Tukúna da Santa Cruz, há uma ou mais roças comunitárias, cujo plantio, colheita e distribuição dos produtos são feitos igualmente entre os membros da comunidade³⁷. Dessa forma, o **trabalho comunal**, conhecido por **ajuri** entre os Tukúna, forçosamente abandonado durante o período do barracão, volta a fazer parte da vida indígena, com todo o sabor lúdico. Amâncio, um Tukúna beirando os setenta anos de idade, nos disse:

Antigamente só trabalhava pra patrão. Era duro. Tukúna não ganhava nada. Hoje não. Tudo nosso. Hoje bom. Tudos vai pra roça contente. Vai família intera. Até curumin. Trabalha, pára quando qué, come tudo junto. Assim que é bom.

Significativo ainda, nos dias atuais, é a identificação étnica dos Tukúna com o Movimento. Segundo os Tukúna da Santa Cruz, só é verdadeiramente Tukúna quem pertence à Santa Cruz, pois esta veio para eles. Assim, os poucos Tukúna que abandonaram o Movimento não são reconhecidos como plenamente Tukúna pelos Tukúna da Santa Cruz. Por isso, o Movimento da Santa Cruz se apresenta aos Tukúna como sendo o fundamento da sua identidade étnica.

A par de tais considerações, há outras situações ensejadas pelo Movimento da Santa Cruz que reputamos problemáticas para os Tukúna, se bem que nunca tenhamos ouvido deles qualquer referência neste sentido. A primeira delas é a dominação exercida por Ir. José sobre os seus adeptos. Para os Tukúna, Ir. José é o parâmetro e a palavra final. Todos se auto-analisam ou julgam os outros guiando-se pelas normas providas dele. Para os fiéis da Santa Cruz, Ir. José está acima de todo e qualquer órgão, instituição ou legislação que os circunda, somente abaixo de Deus que o enviou. Essa situação impede que os índios questionem as normas ditadas por Ir. José.

Se até há algum tempo atrás as exigências do fundador do Movimento em relação aos seus súditos não se chocavam abruptamente com os padrões legais instituídos pela sociedade nacional, o mesmo já não vem ocorrendo ultimamente. Os conflitos começam a surgir. Por exemplo: Ir. José proibiu o jogo de futebol e a prática da educação física entre os seus adeptos, atingindo com isso especialmente as crianças que se encontram em idade escolar. Nas escolas — mantidas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) ou pelas Prefeituras Municipais — a prática da educação física é uma exigência curricular. Notou-se então que, nas escolas cujo professor não era da Santa Cruz, e por isso mesmo não desejava cumprir a ordem do Ir. José, os alunos que pertenciam ao Movimento se evadiram, certamente por determinação de seus pais. Já em escolas cujo professor era da Santa Cruz, a exigência era cumprida a risco. Houve inclusive professores que inutilizaram todas as bolas existentes na escola, recebidas da FUNAI ou das Prefeituras, para garantirem o integral cumprimento da referida norma.

Mesmo sabendo que tal situação cria um problema de ordem legal, as autoridades locais ligadas mais diretamente ao caso exposto se calaram, conforme observamos, pois estão cientes dos problemas que podem ser desencadeados a partir do momento em que se opuserem abertamente ao fundador do Movimento e aos seus adeptos. De qualquer modo, esse impasse está criado. A qualquer momento, novos problemas podem ocorrer, especialmente em razão de conflitos interétnicos. Segundo Mühlmann, é também uma característica do processamento social dos movimentos messiânico-milenaristas converter-se em violência.³⁸

Entendemos que os deslocamentos dos Tukúna até o paradeiro do Ir. José constituem-se igualmente em problema. Não são os deslocamentos em si que são problemáticos, mas as precárias condições em que eles se processam. Ir. José se encontra a cerca de 250km de distância dos aldeamentos indígenas. Mesmo assim, como é da índole de um povo que reconhece o carisma de alguém, os Tukúna o visitam e o presenteiam constantemente. No entanto, como poucos deles possuem barcos motorizados, em geral o

percurso é realizado em canoas movidas a remo. Quando isto se verifica, necessitam em média de trinta a quarenta dias de viagem, entre ida e volta, muitas vezes expostos às intempéries, pois nem sempre suas canoas possuem cobertura.

Quando estávamos no **Lago Cruzador**, vimos chegar um grupo de índios Tukúna da aldeia chamada Vendaval. A comitiva era composta de oito homens, quatro mulheres e duas crianças de colo. Eles alugaram uma grande canoa da FUNAI, pois esta possui um Posto naquela aldeia. A canoa possuía motor de popa, mas como levaram pouco combustível, fizeram quase a metade da viagem, cerca de três dias, a remo. Como a embarcação não era coberta, dois dos homens chegaram estirados com forte febre e as crianças acometidas de diarreia. Tais cenas não ocorrem esporadicamente naquela região do país. Reputamos sério este problema, pois coloca em risco a própria vida dos índios.

Ainda grave é a exploração que os intermediários da Ordem exercem sobre os Tukúna. Segundo prescrevem as normas ditadas por Ir. José, todas as atividades religiosas presididas pelos membros da hierarquia devem ser gratuitas, sendo permitido aceitar unicamente **doações voluntárias**, as quais precisam ser encaminhadas ao **Lago Cruzador**, ou distribuídas entre os membros necessitados da Santa Cruz. Nossa pesquisa revelou que muitos **discípulos** do Ir. José chegam às aldeias com barcos vazios, deixando-as com barcos repletos de iguarias recebidas dos Tukúna, que vão desde um cacho de banana até uma folha de zinco. Para tanto, durante a prática religiosa, a fim de assegurar as contribuições, alguns **discípulos** motivam os Tukúna a **darem alguma coisa ao Irmãozinho**. Na verdade, a maior parte de tais doações são utilizadas pelos próprios **discípulos**. “Por determinação do Ir. José — disse-nos um Inspetor da Ordem — eu tenho direito de receber 40% das arrecadações que eu conseguir”. Segundo o mesmo informante, os sacerdotes podem retirar 20% das arrecadações. É por esta razão que o missionário Capuchinho Italiano Sampalmieri nos disse que “os intermediários do Movimento da Santa Cruz são hoje ricos, dentro dos padrões regionais, possuindo quase todos barco a motor e casa de comércio”.

Infere-se, pois, que os movimentos messiânicos Tukúna de outrora eram uma reação do grupo em face a agressão externa. O Movimento atual se constitui numa reação indígena, porém manipulada por agentes externos em face a agressão externa. Daí o poder total que possui o líder do Movimento e a exploração econômica dos seus **discípulos** sobre os Tukúna. Estes, por sua vez, não se dão conta desta realidade, ou possivelmente não a querem ver, ou se a vêem a aceitam, pois o que lhes importa mesmo é a salvação prometida por Irmão José Francisco da Cruz.

Portanto, o Movimento da Santa Cruz assume um caráter messiânico junto aos Tukúna, na medida em que este povo, que se encontra em situação existencial peculiar, devido à situação de submissão aos brancos, identifica Irmão José Francisco da Cruz como sendo o messias esperado, depositando nele a esperança de uma vida futura melhor, que acreditam irá ocorrer após a **catástrofe** profetizada.

Por fim, restaria explicar o surgimento de um movimento messiânico de tais proporções entre os Tukúna, no momento em que a situação deles parece ser mais favorável e agradável do que aquela dos tempos do barracão. A resposta a esta questão se encontra neste texto marcante de Mühlmann

On dit que les hommes ont historiquement la mémoire courte, il ne semble pourtant pas que les expériences vécues au niveau du groupe, les humiliations, les espérances déçues, la répression continuelle s'oublient aussi facilement. Les circonstances concitantes s'oublient, mais les résidus non liquidés s'accumulent: leur décharge sera d'autant plus dangereuse qu'ils auront été refoulés plus loin dans l'inconscient. On entend dire à propos de la situation coloniale actuelle: les méthodes d'administration, les écoles, l'assistance médicale n'ont plus rien à voir avec le colonialisme de proie de jadis — ou encore: les missions chrétiennes emploient de nos jours des méthodes plus souples, plus humanines, plus tolérantes que celles des puritains du XIX^e etc. Tout ceci ne veut pas dire grand-chose: les expériences passées, vécues et revécues d'une génération à l'autre, sont indélébiles³⁹.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Departamento Ciências Sociais
Porto Alegre, Brasil.

NOTAS

¹ Movimento messiânico é aqui entendido como "... todo aquele em que um número maior ou menor de pessoas, em estado de grande exaltação emotiva, provocada pelas tensões sociais, se reúnem no culto a um indivíduo considerado portador de poderes sobrenaturais, e se mantêm reunidas na esperança mística de que serão salvas de uma catástrofe universal e(ou) ingressarão ainda em vida num mundo paradisíaco: a terra sem males, o reino dos céus, a cidade ideal..." QUEIRÓZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e Conflito Social (A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916)*. 2.ed. São Paulo, Atica, 1977, p.251).

² Por messianismo entende-se "... the religious belief in the coming of a redeemer who will end the present order of things, either universally or for a single group, and institute a new order of justice and happiness" (KOHN, Hans. *Messianism. Encyclopaedia of the Social Sciences*. New York, v.9, 1944, p.356).

³ Além do fator exógeno, que reputamos decisivo para o surgimento do messianismo Tukúna, pode-se apontar fatores endógenos. Nimuendaju encontrou quatro deles: "(1) the personality of dyoi', the creator and founder of tribal culture; (2) the feeling of having offended him by the corruption of the primitive spiritual (not material!) culture owing to influences of civilization; (3) the possibility of the repetition of the cataclyms of ancient times; (4) the existence of the immortals and their tendency to appear to persons at the age of puberty" (NIMUENAJU, Curt. *The Tukuna*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1952, p.137).

Também para Queiróz, o messianismo Tukúna está alicerçado na mitologia da tribo (QUEIRÓZ, Maurício Vinhas de. "Cargo Cult na Amazônia — observações sobre o milenarismo Tukuna". *Revista América Latina*, Rio de Janeiro, 6 (4), out/dez 1963, p.58-59). Em verdade, os fatores exógenos e endógenos não podem estar separados. Ao contrário, eles se mesclam e se unem.

⁴ CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Índio e o Mundo dos Brancos*. 2.ed, São Paulo, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1972, p.40.

⁵ NIMUENAJU, Curt, op. cit., p.65.

⁶ Para assegurarem a expropriação, os patrões recorriam geralmente à pseudo-justificação de que aquelas terras lhes pertenciam, pois possuíam documentos. Dessa forma, os índios deveriam ser inteiramente servís, pois habitavam em território alheio. Segundo Cardoso de Oliveira (op. cit., p.94), os patrões conseguiram inculcar tal idéia na mente dos índios, pois ainda hoje muitos deles sentem-se intrusos em seu próprio território.

⁷ NIMUENDAJU, Curt, op. cit., p.52.

⁸ Durante várias décadas funcionou na Propriedade Belém uma usina açucareira que, segundo informações de Euzébio Tenazor, um caboclo que trabalhou na usina durante trinta anos, produzia diariamente 30 a 40 sacos de açúcar de 30kg e 250 a 300 litros de aguardente. Informou ainda que a maior parte da produção de aguardente era destinada aos trabalhadores (índios e não-índios) como forma de pagamento de sua produção.

⁹ NIMUENDAJU, Curt, op. cit., p.65.

¹⁰ Reiteramos que muitos Tukúna escaparam da ação escravagista dos patrões devido à distância existente entre as suas aldeias e os barrações.

¹¹ Atualmente, a família Ayres de Almeida abandonou a região estabelecendo-se em Manaus, enquanto que a família Mafra e a família Müller nela permanecem explorando estabelecimentos comerciais.

¹² LARAIA, Roque de Barros. *Integração e Utopia. Revista de Cultura Vozes*. Petrópolis, 70 (3), 1976, p.11.

¹³ BALANDIER, Georges. *Sociologie actuelle de l'Afrique Noire*. 3.ed, Paris, Presses Universitaires de France, 1971, p.34-35.

¹⁴ Id. Ibidem, p.477.

¹⁵ BASTIDE, Roger. *Brasil, terres des contrastes*. Paris, Hachette, 1957, p.241.

¹⁶ QUEIRÓZ, Maurício Vinhas de, *Cargo Cult.* . . op. cit., p.59.

¹⁷ NIMUENDAJU, Curt. op. cit., p.138.

¹⁸ Id. Ibidem, p.138.

¹⁹ QUEIRÓZ, Maurício Vinhas de. *Cargo Cult.* . . op. cit., p.46.

²⁰ Id. Ibidem, p.46.

²¹ NIMUENDAJU, Curt. op. cit., p.139.

²² QUEIRÓZ, Maurício Vinhas de. *Cargo Cult.* . . op. cit., p.47. O mesmo autor frisou que os Tukúna se constituem no único povo indígena das Américas a possuírem um culto das mercadorias. Já Melatti constatou o mesmo fenômeno entre os Krahó. De sorte que, no Brasil, "já ocorreram movimentos do tipo cargo cult pelo menos em duas tribos: os Tukúna e os Krahó" (MELATTI, J. C. O *messianismo Krahó*. São Paulo, Herder, 1972, p.80).

²³ QUEIRÓZ, Maurício Vinhas de. *Cargo Cult.* . . op. cit., p.51.

²⁴ CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. op. cit., p.93.

²⁵ Disse-nos Ir. José que se considera Católico Apostólico Evangélico, pois segue o Evangelho. Frisou não ser católico romano. Nosso contato com Ir. José, ocorrido em janeiro de 1978, só foi possível graças ao apoio recebido de parte do Grupo Tarefa Universitária (G.T.U.) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e do Campus Avançado do Alto Solimões, situado na cidade amazonense de Benjamin Constant.

²⁶ Tais dizeres se encontram na introdução dos Estatutos.

²⁷ Por algum tempo, Ir. José não explicitou como aconteceria a catástrofe. Mas, em fevereiro de 1979, ele fez espalhar um escrito intitulado *Uma carta de última hora*, onde anuncia para o ano 2.000 "um dilúvio em fogo para destruir a humanidade, assim como aconteceu nos dias de Noé".

Os Tukúna têm consciência da catástrofe prevista para o fim do século. Muitos deles, em janeiro de 1979, nos disseram enfaticamente que faltavam vinte e um anos para ela acontecer.

²⁸ Carisma é "... a qualidade extraordinária que possui um indivíduo [...] em virtude desta qualidade, o indivíduo é considerado como possuidor de forças sobrenaturais ou sobrehumanas — ou pelo menos especialmente extraquotidianas, que não estão ao alcance de nenhum outro indivíduo — ora como enviado de Deus, ora como indivíduo exemplar e, em consequência como chefe caudilho, guia ou líder" (WEBER, Max. *Economia y Sociedad*. México, Fondo de Cultura Econômica, 1975, v.1, p. 193). "O carismático precisa provar-se" (WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1963, p.285). Ao mesmo tempo, suas qualidades precisam ser reconhecidas pela coletividade.

Para Mühlmann, "le charisme est dans une très large mesure une qualité sociologique et non personnelle" (MUHLMANN, Wilhelm E. *Messianismes révolutionnaires du tiers monde*. Paris, Gallimard, 1968, p.186).

²⁹ Não citamos nomes de pessoas porquanto estas mudam constantemente, substituídas que são pelo próprio Ir. José.

³⁰ Ao que parece, no início da organização do Movimento, não era intenção do Ir. José criar sacerdotes com função de administrar sacramentos. Isto ocorreu, conforme escreve Ir. José, a partir do momento em que os sacerdotes católicos, obedecendo a ordens de seus superiores, se negaram a ministrar os sacramentos aos membros da Santa Cruz. Lemos isto na parte final de uma carta assinada por Ir. José e datada de 07 set. 1973:

"Como este Senhor, autor, fundador, diretor e responsável por estas coisas e obras dentro do quadro Missionário, então os membros congregados em nossa Ordem Cruzada Católica Apóstolica e Evangélica, responsável pela Junta Diretiva de cada Caserio ou Cidade se queixaram em geral a este Missioneiro sobre um grande abandono e abuso, irritante contra esta Ordem, de tal maneira que privaram todos os Sacramentos da Igreja Católica, é por esta maneira a nossa Ordem se obriga a criar membros competentes, como sacerdotes, para exercer ou desempenhar o ministério sagrado como Batismo, o Matrimônio, como o direito de batizar com o ritmo da Igreja Católica em coanto [sic] é menino inocente de um dia té 15 dias de idade em diante.

Missioneiro del Corazón de Jesus

Ass.: José Francisco da Cruz".

³¹ O batismo das águas é um ritual instituído recentemente por Ir. José e se realiza de tempos em tempos, sempre num domingo, no Lago Cruzador. O ritual consta fundamentalmente do mergulho dos neófitos na água, que segundo Ir. José, visa imitar o batismo de Jesus Cristo realizado por São João Batista no rio Jordão.

³² Aqui pode muito bem ter ocorrido o que Mühlmann chama de "ótica fenomenal das manifestações de massa", fazendo com que se imaginasse ter mais participantes do que existiam na realidade. (MUHLMANN, Wilhelm E. op. cit., p.198).

³³ Nossa pesquisa revelou que, para os Tukúna, Deus, Cristo e Jesus são nomes diferentes de uma mesma Divindade.

³⁴ Na oportunidade, todos os Tukúna aderiram ao Movimento da Santa Cruz. Passados alguns anos, cerca de 15% deles o abandonaram. Entendemos que assim procederam aqueles que há algumas décadas mantinham um contato mais estreito com os civilizados, especialmente com os missionários católicos ou protestantes, razão por que, depois de algum tempo de adesão ao Ir. José, e talvez frustrados pela não-realização imediata das expectativas, regressaram às igrejas que freqüentavam anteriormente. Sem dúvida, concorreu para isso a dedicação pastoral de alguns missionários que nunca marginalizaram os seus tradicionais fiéis, mesmo quando eles freqüentavam os cultos da Santa Cruz.

³⁵ No momento os Tukuna divergem acerca da salvação: uns afirmam que ela irá ocorrer para este mundo, enquanto outros acreditam que será para o outro mundo. A salvação pode ser identificada com

o milênio, isto é, com o paraíso terrestre, o bem estar, "... a realização do céu na terra" (QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. *O messianismo: no Brasil e no mundo*. São Paulo, Dominus, 1965, p.8.

³⁶ Parece ser uma característica dos movimentos milenaristas o princípio do pacifismo, da renúncia à violência (MÜHLMANN, Wilhelm E. op. cit., p.252). Acreditamos que o tratamento cortez que os Tukúna dispensam aos brancos, apesar do passado adverso, fundamenta-se na certeza de serem uma elite escolhida. Talvez os Tukúna alimentem inclusive certo sentimento de piedade em relação a muitos ko'ri (brancos), que mantêm um relacionamento amistoso com eles, mas que não poderão ser salvos por Ir. José, porque não se filiaram ao Movimento da Santa Cruz.

³⁷ Em outro trabalho, ressalvamos que não é em todos os povoados Tukúna que isto ocorre. É o caso de Belém do Solimões, onde constatamos que o diretor e capital de Santa Cruz, em função dos cargos que exerce, faz uso econômico pessoal dos produtos colhidos nas roças comunitárias daquela localidade (ORO, Ari Pedro. *Tukúna: vida ou morte* Porto Alegre, Universidade de Caxias do Sul/Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Vozes, 1978).

³⁸ MÜHLMANN, Wilhelm E. op. cit., p.255. A propósito, no período de 21 a 27 de julho passado, aconteceu em Benjamin Constant (Amazonas) o "II Encontro de Entidades do Alto Solimões", reunindo todas as autoridades civis, militares e eclesiásticas da região, com a participação inclusive de Secretários de Estado do Amazonas. Na oportunidade, debateu-se o problema da *Seita da Santa Cruz*. Em relatório do encontro, elaborado por uma equipe do Instituto de Cooperação Técnica Intermunicipal (ICOTI) do Amazonas, consta uma síntese do que foi dito a cerca do Movimento da Santa Cruz. Para se ter uma idéia clara do que pensam as autoridades regionais sobre o Movimento, reproduzimos aqui todas as considerações constantes do relatório:

"Santa Cruz: situação atual:

1. Doutrina baseada no medo, terror, ameaças e baixo nível cultural dos seguidores.
2. Surgimento de falsas lideranças que passaram a interpor de forma negativa na vida social da região, depondo e nomeando arbitrariamente chefes para povoados indígenas, interferindo nas escolas rurais e urbanas do município, contrariando diretrizes do Governo para as áreas de Educação, Saúde e Segurança.
3. Fanatismo religioso acarretando sensível diminuição na produção agrícola, pois a quantidade de encargos religiosos deixa pouco tempo para o trabalho.
4. Celebração de casamentos forçados; celebração de casamentos entre pessoas sem idade legal para tal.
5. A não obediência às legislações atuais e criação de legislação própria paralela.
6. Aspectos de segurança nacional ameaçados pela enorme quantidade de participantes, infiltração de estrangeiros de origem duvidosa na seita, aliado ao fanatismo exagerado, que consegue mobilizar, a curto prazo, enorme quantidade de fanáticos que obedecerão cegamente às ordens recebidas, sejam quais forem.
7. A mudança constante de localização de comunidades inteiras, em função de determinações dos chefes do movimento, provoca a não fixação do homem na terra, transformando-o em grupos itinerantes, sem ocupação definida, prejudicando a política do Governo com relação ao fatur produção.
8. Na situação atual a juventude (faixa etária de 6 a 12 anos) vem sofrendo doutrinação constante e mal dirigida por parte do movimento, observando-se o risco de que esta juventude, no futuro, venha a se constituir num autêntico exército de fanáticos".

A nosso ver, esse tipo de análise sobre o Movimento da Santa Cruz realizado por elementos da sociedade regional que detêm nela postos importantes, revela um acentuado etnocentrismo, aliado a uma mentalidade tipicamente capitalista.

³⁹ MÜHLMANN, Wilhelm E. op. cit., p.287.

Escritos de José Francisco da Cruz utilizados no trabalho

- Primeiro Estatuto da Ordem Cruzada Católica Apostólica e Evangélica, s.d. (datilografado)
- Segundo Estatuto da Ordem Cruzada Católica Apostólica e Evangélica, s.d. (datilografado)
- Dados biográficos de Irmão José, s.d. (datilografado)
- Cardápio de Medidas y orários del Misionero, s.d. (datilografado)
- Normas de Procedimentos, s.d. (datilografado)
- Santa Tabela Tarifada em seus labores dentro do seio da C.A.E., s.d. (datilografado)
- Formula del agua bendita, aqui está una formula o modelo para los fieles que vivamente en el señor Jesus y cuando no encuentran recursos aqui está la manera de usar en agua bendita, s.d. (datilografado)
- Nota para o progresso do povo cristão de toda nação onde se celebrar a Santa Missão do Coração de Jesus, celebrado pelo Missionário José Francisco da Cruz, s.d. (manuscrito)
- Mais um passo por favor/contra o uso e abuso, s.d. (datilografado)
- Aviso para um mundo novo e salvação de todos os povos, Predicada pelo Coração de Jesus, no ano de 1944, 1970. (manuscrito)
- Carta do Içá, de 11 set. 1972. (datilografada)
- Carta do Içá, de 7 set. 1973. (datilografada)
- Prece, aviso de última hora, 12 fev. 1976. (datilografado)
- A porta da caridade, 5 jan. 1977. (datilografado)
- Um momento de pausa, 5 mai. 1977. (datilografado)
- Santa Bússula do Povo de Deus, 19 set. 1977. (datilografada)
- Nova luz da esperança – grito da selva, 28 set. 1977 (datilografada)
- Ata do 3.^o Congresso Espiritual ou retiro espiritual, exame e porta, 28 set. 1977. (datilografada)
- Santa Cruz em debate: o homem contra Deus, 7 out. 1977 (datilografada)
- Uma carta de última hora, 28 fev. 1979 (datilografada).